

**A PANDEMIA DA COVID -19 E O PERMANENTE “LOCKDOWN”
DA EDUCAÇÃO BÁSICA PÚBLICA BRASILEIRA.
THE COVID-19 PANDEMIC AND THE PERMANENT “LOCKDOWN”
OF BRAZILIAN PUBLIC BASIC EDUCATION.**

*Kellen Aparecida Dos Santos Leal Da Fonseca*¹

UNIUBE - Kellen.ap.fonseca@hotmail.com

*Valeska Guimarães Rezende da Cunha*²

UNIUBE – valeska.gumaraes@uniube.br

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo problematizar, analisar, explorar e investigar as consequências da ideologia neoliberal no contexto educacional pandêmico. A pandemia do Covid-19, que iniciou em 2020, trouxe à tona uma série de desafios para todos os setores da sociedade. E no que tange a aprendizagem, as consequências são inestimáveis. Em um curto espaço de tempo, destacou de forma incontestável as profundas disparidades sociais que permanecem enraizadas na sociedade capitalista. Para tanto, se alicerça a luz das teorias pedagógicas de Dermival Saviani e Paulo Freire, em busca de produzir compressões mais amplas do cenário. Desta maneira, notou-se relevância de elaborar uma pesquisa com ênfase na reflexão e problematização das consequências formativas educacionais, que viera deste período amedrontado. O adoecimento da estrutura escolar e a fragmentação do saber, elucidou a prerrogativa de discutir a escola em uma conjuntura transformacional e política. Fornecendo subsídios e reflexões valiosas para a prática dos educadores. O método utilizado foi o dialético para composição deste trabalho; com dados quantitativos da pandemia e revisão bibliográfica de artigos, teses, dissertações, livros e monografias. Visando propor discussões sobre a temática. Partindo-se da hipótese de que a educação brasileira não é uma educação, mas um projeto neoliberal. Em que a educação bancária, serve ao capitalismo e o neoliberalismo. Sendo possível a transformação apenas com a instrumentalização das massas.

Palavras chaves: Educação bancária; Pandemia; Neoliberalismo.

¹ Aluna do Curso de Licenciatura em Pedagogia (em andamento). Professora de Educação Infantil – Maternal II, no Colégio Maiêutica. Técnica em Gestão de Recursos Humanos pela Escola Técnica Estadual Antônio Junqueira da Veiga, em 2019, Igarapava/SP. Completou o ensino médio na Escola Técnica Estadual Antônio Junqueira da Veiga (2017).

² Doutora em Educação e Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Uberlândia. Especialista em Educação a Distância pela Universidade Católica de Brasília; em Metodologia do Ensino e aprendizagem de Língua Estrangeira pela Faculdade São Luís e em Educação pela Faculdade Claretianas, Graduada em Tecnologia em Processamento de Dados e Licenciada em Pedagogia pela Universidade de Uberaba. É professora na Universidade de Uberaba desde 1992.

ABSTRACT

The present article aims to problematize, analyze, explore, and investigate the consequences of neoliberal ideology in the context of the pandemic in education. The Covid-19 pandemic, which began in 2020, brought forth a series of challenges for all sectors of society. Regarding learning, the consequences are immeasurable. In a short period, it indisputably highlighted the deep social disparities that remain rooted in capitalist society. To do so, it is grounded in the light of the pedagogical theories of Dermeval Saviani and Paulo Freire, seeking to produce broader understandings of the scenario. In this way, the relevance of conducting research with an emphasis on reflecting and problematizing the educational formative consequences that arose from this frightening period was noted. The illness of the school structure and the fragmentation of knowledge elucidated the need to discuss the school in a transformative and political context. Providing valuable insights and reflections for educators' practice. The dialectical method was used for the composition of this work, incorporating quantitative pandemic data and a bibliographic review of articles, theses, dissertations, books, and monographs. This approach aimed to propose discussions on the topic, starting from the hypothesis that Brazilian education is not an education but a neoliberal project. In this perspective, banking education serves capitalism and neoliberalism. Transformation is deemed possible only through the empowerment of the masses.

Keywords: Banking education; Pandemic; Neoliberalism.

1 INTRODUÇÃO

A pandemia do Covid-19, que iniciou em 2020, trouxe à tona uma série de desafios para todos setores da sociedade. No Brasil, a crise sanitária já desencadeou³ mais de setecentos e cinco mil mortes. E no que tange a aprendizagem, as consequências são inestimáveis. A crise aprofundou ainda mais as desigualdades educacionais no país. Segundo um estudo apontado pela FGV apontou que a evasão escolar aumentou na faixa entre 5 a 9 anos durante a pandemia – passando de 1,41% para 5,51% entre 2019 e 2020, crescimento de 197,8%. Diante disso, qual a função que esta escola tem adotado nesta conjuntura?

A história da educação formal brasileira inicia-se em 1549, sob a orientação do Padre Manoel da Nóbrega, com a chegada dos jesuítas. Ao percorrer da linha temporal, muitas mudanças ocorreram até chegarmos à escola e as abordagens pedagógicas que encontramos nos dias atuais. No entanto, na história da educação - há um aspecto que no qual, apesar dos processos econômicos, políticos e sociais não se altera e nem se desfaz. Este, a educação sempre a favor de determinados grupos sociais e a proposição de manter o status quo.

Torna-se cada vez mais imperativo refletir sobre o modelo de educação que almejamos. A pandemia, em um curto espaço de tempo, destacou de forma

³ Dados extraídos do painel corona vírus em 17/10/2023.

incontestável as profundas disparidades sociais que permanecem enraizadas na sociedade capitalista, no qual temos produzido historicamente a nossa existência.

Segundo o 2º Relatório Anual de Acompanhamento do Educação já! entre as principais consequências do lockdown na educação são as perdas significativas na aprendizagem, os prejuízos ao desenvolvimento infantil, aumento da evasão e redução da escolaridade e quedas no rendimento futuro, na produtividade e no PIB:



Fonte: Todos pela educação

Desta maneira, notou-se relevância de elaborar uma pesquisa com ênfase na reflexão e problematização das consequências formativas educacionais, que viera deste período amedrontado. O adocimento da estrutura escolar e a fragmentação do saber, elucidou a prerrogativa de discutir a escola em uma conjuntura transformacional e política. Fornecendo subsídios e reflexões valiosas para a prática dos educadores. Em um alicerce teórico a luz da teoria da libertação e a histórico-crítica, como correntes necessárias para uma quebra de paradigma.

Tal cenário nos leva a indagar: Como os pressupostos teóricos de Paulo Freire e Dermival Saviani podem nos auxiliarem a traçar possíveis caminhos para uma educação transformadora? Seus arcabouços teórico-prático pode nos trazer elementos para pensarmos o papel da escola, dos educandos e educadores em uma perspectiva progressista?

Entendemos que dialogar com estes autores, em busca de produzir compressões mais amplas sobre o cenário educacional pandêmico é enfrentarmos aquilo que estava nas entrelinhas e nos possibilitar a esperar por uma educação plena, política e transformacional.

O presente artigo tem por objetivo analisar, explorar e investigar as consequências da ideologia neoliberal no contexto educacional pandêmico – Que educação é esta? Qual o papel da escola nessa perspectiva? No contexto pandêmico, quais foram suas consequências no processo de ensino aprendizagem? Questões estas que tem suscitado grande interesse e debate no cenário acadêmico.

Está estruturado a partir de dados quantitativos das consequências da pandemia na educação pública brasileira; na discussão da educação neoliberal e a pandemia e os respectivos entrelaces; nas teorias histórico-crítico e da libertação, destacando seus marcos e as suas contribuições; nas ações necessárias para o contexto escolar pós pandemia e em algumas recomendações que emergem deste estudo.

2 A PANDEMIA E SUAS CONSEQUÊNCIAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA PÚBLICA BRASILEIRA

No transcorrer da temporalidade a educação sofre, por necessidades próprias de cada tempo histórico, transformações conceituais, estruturais e metodológicas que são essenciais a vida em sociedade. O novo coronavírus, do inglês Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus2 (SARS-CoV-2), que causa a doença COVID-19, se originou na China, e surpreendeu o mundo em 2020. Pela primeira vez na história que boa parte do mundo vivenciou um processo de isolamento/afastamento social orientado por um organismo de saúde mundial. Apesar das controvérsias políticas/ideológicas e a indescritível diversidade de situações socioeconômicas que, inclusive, criaram as condições para o surgimento da doença, nos permitiram criar os movimentos, recursos e insumos necessários para superação desse terrível mal que afetou todo o planeta.

Nesse processo, a desigualdade social se intensificou: o acesso à educação de qualidade foi restrito a uma pequena parcela, a outra lhe restou a fragmentação do saber. A fome estendeu sua bandeira, e a economia estava no ápice de um colapso.

De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - Tecnologia da Informação e Comunicação 2019, a Pnad TIC, divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE (2021), cerca de 12,646 milhões de famílias ainda não tinham acesso à internet em casa em 2019. Cerca de 39,8 milhões de brasileiros de 10 anos ou mais de idade não usavam a rede, e ainda havia 34 9 milhões de pessoas nessa faixa etária sem aparelho de telefone celular.

Os dados internacionais demonstram que em 2019, cerca de 690 milhões de pessoas se encontravam em situação de fome, representando 8,9% da população mundial. Perto de 750 milhões de pessoas - quase uma em cada dez pessoas no mundo - estiveram expostas a níveis graves de insegurança alimentar, de modo que, somando-se o número de pessoas afetadas pelos níveis moderado e grave de insegurança alimentar, as estimativas são de que 2 bilhões de pessoas ao redor do mundo não tiveram um acesso regular a alimentos em quantidade e qualidade adequadas (Fao, 2021).

De acordo com Saviani, a Pedagogia Histórico-Crítica “entende que a educação se relaciona dialeticamente com a sociedade” (Saviani, 1999, p. 75). Se o indivíduo necessita do contexto social para adquirir o saber, como em um momento de isolamento o sujeito se reconhece dentro da sociedade que vivencia e atua? As consequências da pandemia na educação problematizam novos desencontros do educar e aprender, e amplificaram os resquícios de uma educação bancária; descontextualizada e alienada.

A educação bancária funciona como amarras da opressão e a conscientização das massas constitui-se como práxis libertadora. Diante disso, a desarticulação do conteúdo com o contexto social, a singularidade do aluno e o adepto ao modelo bancário, fragmenta o saber e desumaniza o homem.

2.1 As amarras da educação neoliberal: perspectivas bancária e tradicional.

Fundamentada nos dados acima descrito, podemos afirmar que, apesar de impor problemas e desafios a todo o conjunto da sociedade, a pandemia acabou por evidenciar

as mazelas sociais e ampliar ainda mais a desigualdade educacional no Brasil. Para tentar compreender esse cenário a partir de uma perspectiva da Educação Crítica e também Libertadora, o presente artigo analisará o fenômeno à luz das contribuições de dois grandes educadores brasileiro, Demerval Saviani e Paulo Freire. Aqui não nos interessam as divergências epistemológica existentes entre eles, mas as diferentes e essenciais contribuições metodológicas que cada oferece ao fenômeno educativo.

Na abordagem marxista, o neoliberalismo é caracterizado como uma estrutura política e de ordem social, que visa a hegemonia de classe trabalhadora e na sua expansão globalmente. O discurso neoliberal na educação se consistiu a atender as demandas do mercado. Uma educação pautada para lógica de reprodução de uma sociedade de classes; na exploração do homem em mundo produtivo e consumidor.

Nesta perspectiva a instituição escolar não se vislumbra em formação de sujeitos conscientes do mundo que vive, a qual nem ao seu poder político e transformador. A sentença que permeia as cordas do neoliberalismo na educação, é a concepção da escola como fábrica que produz indivíduos “cheios” de informações. Que como resultado, concretiza um trabalhador qualificado. Na premissa de atender as necessidades do capitalismo (Feitosa; Santos; Silva,2022, p. 212).

Para atender a esses interesses, a Educação pública precisa se transformar em um serviço, subvertendo conceitos como liberdade individual e justiça social. O neoliberalismo transforma a lógica do capitalismo em lei social, afetando toda a sociedade (Barros e Alencar, 2021, p.3).

Paulo Freire, patrono da educação e reconhecido mundialmente, foi um dos pensadores educacionais brasileiros que debruçou no estudo da educação e a política, e na relação dialética do professor e aluno, da educação “bancária” e sobre leitura da palavra e do mundo (Silva e Santos, 2020)

Pedagogia do Oprimido (2015), uma de suas obras de destaque, escrita durante seu exílio, aborda a relação entre opressor e oprimido, que alimenta a educação tradicional e bancária. Para ele, a opressão é hodierna nas escolas. Nela o professor é detentor de todo saber e os alunos caixas vazias expectando a serem preenchidas de conhecimento.

A narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em “vasilhas”, em recipientes a serem “enchidos” pelo educador. Quanto mais vá “enchendo” os recipientes com seus “depósitos”, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores educandos serão. Desta maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante (Freire, 2015, p.80).

Nesta concepção, o professor deposita a informação e o aluno a absorve, entretanto, não há nenhuma relação reflexiva sobre o saber e a sua atuação ao conhecimento adquirido. A figura do aluno neste espaço é de total ignorância, nesta narrativa educacional a dominação é mútua.

A educação bancária que Freire se debruça a questionar, se entrelaça ao modelo neoliberal, em que escraviza e adestra o educando. O sujeito permanece em posição passiva, conformista ao status quo de seu contexto. Para Feitosa, Santos e Silva (2022, p.212), a educação bancária é a educação do trabalhador que nessa lógica neoliberal deve:

[...]ser pautada em um receituário homogeneizador, ou seja, por meio de documentos “norteadores” que buscam prever objetivos comuns de aprendizagem e desenvolvimento a todos os educandos, sem levar em consideração a realidade de cada sujeito (a exemplo, podemos citar a

Base Nacional Curricular Comum – BNCC, documento de caráter normativo e instrumental). [...]

O projeto neoliberal se instala nas entre linhas da educação Brasileira. Este que foi introjetado em 1990 com ações voltadas para a padronização dos processos e recursos materiais como os Parâmetros curriculares nacionais e no fortalecimento do Sistemas de Avaliação Básica (Saeb) (Alencar e Barros, p.4, 2021)

Durante a pandemia que viera, não foi diferente. A precarização de investimento de políticas públicas que Saviani já anunciava no ramo acadêmico, se apresentaram com maior jugo durante este período de lockdown.

Em 17 de março de 2020, com a suspensão das atividades presenciais em instituições de ensino em todo o país, o Ministério da Educação (MEC) publicou a Portaria nº 343, que determinou a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durasse a situação. Apesar da pressão para que a educação continuasse, iniciativas pouco organizadas e antidemocráticas por parte dos gestores aceleraram a implementação do ensino remoto em diferentes níveis de educação e em instituições públicas e privadas (Melim e Moraes, p.200,2021).

O ensino remoto emergencial (ERE), ofereceu caminhos para aprendizagem durante o isolamento social. Esta que era inviável ao contexto social e financeiro das famílias brasileiras. Educação para quem?

O ensino aprendizagem se tornou virtual. As mesas e cadeiras deram espaço para as telas e a vivência física era o chat ou o WhatsApp. Essa nova reorganização do espaço acarretou a gastos maiores para os docentes e as famílias. A compra dos equipamentos tecnológicos e custos com a energia elétrica eram agora responsabilidade individual e não do estado. A prática pedagógica precisou se transmutar, para ferramentas pedagógicas tecnológicas, como Meet, Google e Canvas. As dificuldades de utilização destes recursos tornaram-se um desafio a mais para o processo.

Em relação aos alunos neste contexto Alencar e Barros comentam:

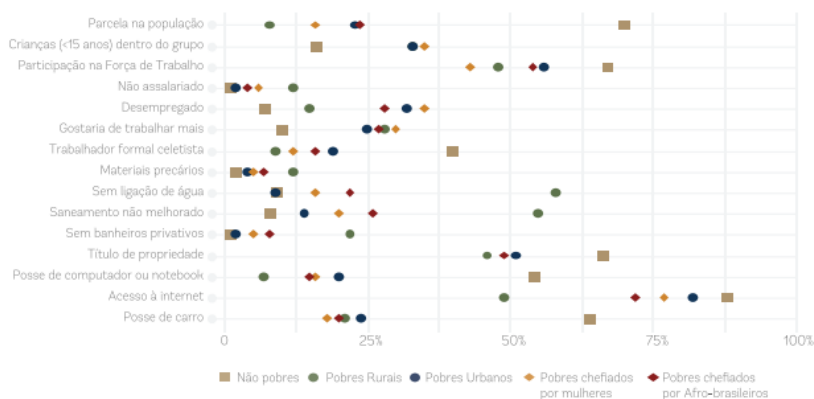
[...]no contexto do isolamento social em que se exigiu a manutenção dos estudos em casa, estudantes brasileiros, sobretudo os de camadas mais vulnerabilizadas, enfrentaram desafios estruturais relacionados ao ambiente doméstico, à comunidade, à alimentação, à insalubridade, à exposição ao abuso e à violência e, com isso, a consequente evasão escolar. A falta de espaço doméstico apropriado aos estudos foi um agravante. Muitas residências em que apenas um cômodo é compartilhado por vários membros, vários alunos dividiam espaço com irmãos de faixas etárias diferentes e que também precisam acessar aulas remotamente. A baixa escolaridade dos familiares e esgotamento dos responsáveis que, muitas vezes, tem filhos com faixas etárias distintas em séries diferentes, também comprometeu o rendimento escolar dos estudantes. Outro entrave que fez parte da realidade de grande parte dos alunos da rede pública de ensino foi a falta de equipamentos tecnológicos e de acesso a serviços de internet - algumas famílias possuem apenas um único aparelho de celular para compartilhar com todos os moradores e vários filhos em ciclos educacionais diferentes, precisando utilizar o aparelho simultaneamente com recursos limitados de dados, quando disponíveis, e o computador não faz parte da realidade de consumo da maioria deles[...] (2021, p.6)

O ensino remoto foi a solução emergencial para atender às demandas do capital. Uma formação a qualquer maneira e a qualquer preço. Não só revelou exclusão digital

permanente no Brasil, como as desigualdades sociais enrijecidas. Segundo o relatório “Pobreza e Equidade no Brasil – Mirando o Futuro Após Duas Crises”, em novembro de 2020, quase 30% das crianças das regiões Norte e Nordeste do Brasil, as mais pobres, não tinham acesso às atividades escolares. Esse número foi ainda maior para crianças em áreas rurais. Durante o ano de 2021, a pandemia continuou, o envolvimento das crianças em atividades escolares ainda era afetado. Os dados do relatório demonstram que somente metade das crianças que viviam em domicílios pertencentes aos 20% mais pobres da população estavam envolvidas em atividades escolares durante toda a semana, seja presencialmente ou virtualmente, enquanto três em cada quatro crianças nas famílias mais ricas tinham esse acesso.

Comentado [A1]: Sim, tem gráfico. Porém, é relacionado ao fator socioeconômico. Adicionei para que a senhora veja.

FIGURA ES.4. Características socioeconômicas da população brasileira em 2019



Fonte: Estimativas do Banco Mundial.
Notas: Situação de pobreza baseada em renda mensal inferior a R\$ 499 per capita.

Outro problema enfrentado foi a falta de equipamentos adequados, como computadores e smartphones. De acordo com a pesquisa TIC Domicílios 2020, realizada pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), cerca de 28,8 Milhões dos domicílios brasileiros com internet não possuíam computador em casa e 11,8 milhões de domicílios brasileiros não possuía computador e internet em casa.

Essas dificuldades afetaram principalmente a população mais vulnerável, como pessoas de baixa renda, idosos e moradores de áreas rurais e periferias das grandes cidades. O acesso limitado à tecnologia também afetou o acesso a serviços públicos, como a saúde, que precisou ser adaptado para o ambiente digital durante a pandemia. Além disso, a expôs e aprofundou desigualdades no acesso à saúde e moradia.

A subversão da educação como “serviço bancário” e a não responsabilização do estado neste processo, foi perceptível as práticas adotadas na educação infantil. No qual as aulas expositivas eram gravadas e enviadas aos alunos, sem espaço para diálogo ou participação ativa. Os conteúdos eram gravados pelos professores ou compartilhados vídeos (contação de história, explanação de conteúdo e músicas) via WhatsApp. E as atividades entregues em folhas impressas para os alunos realizarem em casa para depois serem devolvidas mensalmente a escola. A confirmação de que a máquina educativa estava em funcionamento.

Essas abordagens metodológicas e pedagógicas, se mostram insuficientes a heterogeneidade dos alunos. Que culminou ao atraso no desenvolvimento escolar e a sociabilidade.

3 CONTRIBUIÇÕES DA PEDAGOGIA HISTÓRICO CRÍTICA E DA LIBERTAÇÃO.

Conforme fica evidenciado na seção anterior, a pandemia aprofundou consideravelmente o quadro de desigualdade sociais de modo geral e educacionais de forma particular. Tais contradições desnudaram a atualidade das denúncias históricas trazidas por Freire e também por Saviani. A educação bancária tradicional vive, está atuante e permanece servindo ao projeto neoliberal, e a partir desta constatação faz-se necessário retomar o diálogo acadêmico com aqueles que dedicaram vida e obra a combata-la.

O termo pedagogia histórico crítica foi empregado por Demeval Saviani em 1978, e se refere a uma perspectiva pedagógica que tem como premissa a transformação social, para além das teorias reprodutivas ou críticas reprodutivas:

Em relação à opção política assumida por nós, é bom lembrar que na pedagogia histórico-crítica a questão educacional é sempre referida ao problema do desenvolvimento social e das classes. A vinculação entre interesses populares e educação é explícita. Os defensores da proposta desejam a transformação da sociedade. Se este marco não está presente, não é da pedagogia histórico-crítica que se trata. (Saviani, 2013, p.72)

Este autor denuncia que a escola na sociedade capitalista sob domínio neoliberal não há outra função a não ser a atender aos interesses do capital. Desta forma, a pedagogia histórico-crítica reconhece que a escola é influenciada pela estrutura social e que a sociedade, baseada no sistema capitalista de produção, é dividida em classes com interesses conflitantes. Assim, a escola é afetada pelos interesses em disputa que caracterizam a sociedade. A classe dominante não tem interesse em promover transformações históricas na escola, pois busca manter seu poder e controle sobre ela. Nessa perspectiva, uma abordagem educacional baseada na pedagogia histórico-crítica busca compreender e enfrentar as contradições presentes na escola e na sociedade (Santos, 2018, p.46).

Além disso, a visão pedagógica desta corrente é a construção do saber sistematizado em caráter pedagógico e educativo. Na socialização dos conhecimentos produzidos pelo homem ao longo da história. O papel professor e do aluno, apesar de articulados se diferenciam nesta relação dialógica; são agentes sociais que diferem dentro do processo educativo. Diferentemente do que propõem a pedagogia tradicional, a centralidade não mora no professor e nem no aluno como a pedagogia nova se pensa, contudo, no conhecimento. Este, estrutura que fortalece a prática articulada com os agentes.

Professores e alunos são considerados agentes sociais, chamados a desenvolver uma prática social, centrada não na iniciativa do professor (pedagogia tradicional) ou na atividade do aluno (pedagogia nova), mas no encontro de seus diferentes níveis de compreensão da realidade por meio da prática social comum a ambos. (Batista e Lima, 2012, p. 7)

Sendo assim, na pedagogia histórico crítica o aluno é considerado um indivíduo concreto, de múltiplas relações e determinações numerosas; contexto histórico e espaço-tempo. Para Saviani, o professor possibilita a assimilação de conhecimentos e por conseguinte a amplitude do desenvolvimento do educando. Todavia, nem sempre os interesses entre os agentes sociais (professor e aluno), coincidirão.

Desta forma, é necessário a clareza, decência do docente e da escola enquanto uma instituição formal. Para ele a sociedade põe exigência de conhecimentos que necessariamente não atende aos interesses imediatistas dos alunos. Entretanto, esse saber sistematizado corresponde diretamente ao aluno concreto inserido em uma sociedade, permeado por relações sociais e política. E que sem essa aquisição do saber será privado de exercer sua participação efetiva na comunidade e na humanização deste processo de ensino-aprendizagem.

É explícito que na pedagogia histórico-crítica ao defender a transformação social dos sujeitos, o conteúdo historicamente produzido se coloca com item fundamental deste processo:

Parece-me, pois, fundamental que se entenda isso e que, no interior da escola, nós atuemos segundo essa máxima: a prioridade dos conteúdos, que é a única forma de lutar contra a farsa do ensino. Por que esses conteúdos são prioritários? Justamente porque o domínio da cultura constitui instrumento indispensável para a participação política das massas. Se os membros das camadas populares não dominam os conteúdos culturais, eles não podem fazer valer os seus interesses, porque ficam desarmados contra os dominadores, que se servem exatamente desses conteúdos culturais para legitimar e consolidar sua dominação. Eu costumo, às vezes, enunciar isso da seguinte forma: o dominado não se liberta se ele não vier a dominar aquilo que os dominantes dominam. Então, dominar o que os dominantes dominam é condição de libertação. (Saviani, 2008, p. 45)

Nessa perspectiva, o domínio cultural dos dominadores é a ferramenta que manipula e silencia as vozes das camadas populares. Não é possível alterar algo que não se conhece e não se sabe. Não é possível pensar-se e refletir, se não há tempo ocioso. Não é possível criticar, se não há conhecimento. A libertação grita e bate na porta em busca da saída; esta a obterá apenas ao dominar a chave que a aprisiona.

No prisma da Teoria da Libertação que surgiu em meio aos movimentos de educação popular pelo Paulo Freire. Defende uma educação dialógica, na qual educadores e educandos se envolvem em um processo de diálogo e reflexão mútua. Essa emancipação e a libertação do sujeito se dá pela conscientização do povo. Em que por meio do processo dialógico entre docente e discente a escuta, a realidade e o pensar, possibilita traçar novos caminhos e fazeres.

O complexo do oprimido que Paulo Freire explicita em seu livro Pedagogia do Oprimido, é a consequência da invasão cultural, na qual a classe dominante apresenta sua visão de mundo: valores sociais e a moral. Categoricamente a realidade se fragmenta, e durante o processo educativo o saber se torna estático, dificultando-se com isso, que o educando estabeleça relações com as problemáticas do mundo real. (Ramalho, 2022)

Essa manipulação resulta em um futuro cidadão condizente e passivo aos critérios estabelecidos por esta classe:

A invasão cultural, que serve à conquista e à manutenção da opressão, implica sempre a visão focal da realidade, a percepção desta como estática, a superposição de uma visão do mundo na outra. A “superioridade” do invasor. A “inferioridade” do invadido. A imposição de critérios. (Freire, 1987, p. 91)

Imersos na engrenagem da estrutura opressora, os oprimidos temerão a liberdade enquanto não assumirem o risco de enfrentar a sua situação de opressão (Ramalho, 2011). A escola não muito diferente da sociedade em que está inserida, há séculos a reproduz e alimenta as diretrizes dos dominadores. O opressor amarra suas correntes no oprimido de tal maneira, que é imperceptível. E ao ver a libertação, em primeiro momento se opõe por pensar estar em um processo de dominação.

O pensamento pedagógico freiriano, é um pensamento direcionado a luta do ser por sua humanização e a liberdade. Uma práxis comunicativa em que o diálogo é a base que o sustenta:

A educação como prática da liberdade encontra a sua essência na prática do diálogo, na dialogicidade dos indivíduos. Se o oprimido é o ponto de partida do pensamento da pedagogia freiriana, assim também se afirmar como lugar pedagógico, referência para a consciência geradora. O diálogo é concebido como um poder latente e sempre possível ao oprimido. O exercício do diálogo é a experiência da liberdade. (Freire, 2010, p. 49)

Desta maneira, é na ação pedagógica do circuito dialógico e da práxis que o sujeito se apropria do conhecimento. Extraíndo de suas vivências; família, comunidade e o contexto histórico significações para a constituição da práxis. Esta em essência, é a ação e a reflexão do sujeito sobre o mundo para mudá-lo. A articulação do conteúdo intelectual a reflexão posta em ação. A educação como prática da liberdade parte do aluno, ele é o centro do processo educativo e o professor atua como mediador do ensino-aprendizagem.

À vista disso, suas teorias apresentam aproximações e distanciamentos, no entanto, ricas que podem contribuir para pensar em um novo ambiente escolar. O que nos espera a escola pós pandêmica? Estas questões serão discutidas na próxima seção.

4 A ESCOLA E A PÔS PANDEMIA

A escola como instituição de transformação, ainda se discorre de aspectos pedagógicos e metodológicos tradicionais. É visível essas instituições nos âmbitos estaduais e municipais no Brasil; o despreparo e a falta de organização sistemática, pedagógica e metodológica agravou os aspectos já enraizados em nossa cultura educacional:

Era preciso, pois, reformar a escola, porque a sociedade deixou de ser uma sociedade estática, é uma sociedade em transformação, em desenvolvimento, em mudança. Conseqüentemente, a escola deve ser reformada para se ajustar às mudanças que caracterizam a sociedade moderna. (Saviani, 2020, p.4)

Ao início do ensino emergencial não foi diferente; as escolas de educação básica pública se viram despreparadas para atender as demandas do processo educativo com a pouca estrutura física e a qualificação necessária. E ao chegar seu fim, se veem

desamparadas pelo estado e incapaz de restabelecer a instituição. É necessária uma reorganização do espaço escolar, que propicie condições para uma aprendizagem transformadora, que ofereça a consciência das possibilidades de pensar, modificar e atuar; está voltada para um aprender com significado, um apreender filosófico; de sentido e semiótica. Que incorpore metodologias ativas na prática educacional; a avaliação diagnóstica como prerrogativa dos ensaios apreendidos do aprendiz; os recursos tecnológicos em um viés de ferramentas imprevisíveis para o assentamento e a configuração do conhecimento, e o professor em uma conjuntura de um facilitador histórico e social.

Estas são as reivindicações da escola moderna pós pandemia. Todavia, segundo Dados da pesquisa As Múltiplas Dimensões da Pobreza na Infância e na Adolescência no Brasil, lançada pelo Unicef, em fevereiro de 2023, utilizando dados da Pnad Contínua o momento atual é de que em 2022, o percentual de crianças privadas do direito à alfabetização dobrou em relação a 2020: passando de 1,9% para 3,8%. Este contexto precisa ser levado em consideração. Medidas a curto e longo prazo precisam ser tomadas.

As contribuições da pedagogia da libertação e da pedagogia histórico crítico pós pandemia, vem a contribuir nas metodologias, na ruptura de um sistema educativo de opressão e traz consigo a possibilidade de reestruturar e organizar a escola.

Dominschek, Silva e Souza (2016, p.3) afirmam:

A Pedagogia Histórico-Crítica prioriza o domínio dos conteúdos científicos, os métodos de estudo, habilidades e hábito de raciocínio científico como modo de formar a consciência crítica face à realidade social, instrumentalizando o homem como sujeito da história, apto a transformar a sociedade e a si próprio.

Para que de fato essa mudança efetue, antes de se propor nova forma de ensinar, o professor deverá realizar uma análise sistemática e reflexiva sobre o entendimento da aprendizagem de seu aluno, suas dificuldades, habilidades e competências. Os estágios em cada um se manifestam para que possa articular seu plano de aula e propostas pedagógicas adequadas.

5 CONSIDERAÇÕES

Esse trabalho possibilitou a discutir e refletir as lacunas existentes na educação brasileira, que se amplificaram em decorrência do Covid -19 e, bem como, o espaço escolar, o aluno e a sociedade. Em um alicerce teórico a luz da teoria da libertação e a histórico-crítica. A partir de uma revisão bibliográfica fundamentada em artigos, teses, dissertações, livros e monografias; em simetria ao método dialético.

A fim de compreender os desdobramentos da educação bancária - no âmbito da educação pública brasileira durante a pandemia; definiu-se três objetivos específicos. O primeiro consiste em discutir a respeito da Teoria de Libertação e a Histórico Crítica na educação. Verificou-se a relevância da educação na conscientização dos sujeitos. Uma educação política e viva; de aspectos do contexto social permeado pela reflexão e ação. Além disso, apesar das divergências epistemológicas entre elas, suas denúncias históricas estão mais vividas e presentes. A educação tradicional ou como denominado por Freire – bancária, continua servindo ao neoliberalismo.

Depois, investigar as consequências da pandemia na educação brasileira. A análise permitiu concluir que as abordagens metodológicas e pedagógicas, foram insuficientes para propiciar o aprendizado. Com isso, houve aumento considerativo de crianças com algum tipo de atraso escolar, como também, ao aumento das desigualdades sociais neste período.

O terceiro, refletir sobre o aprender e educar na perspectiva da significância da pedagogia histórico-crítico no processo educativo em busca de uma transformação social. Esta investigação e reflexão, possibilitou a viabilizar as aproximações e distanciamentos dos autores. No papel do professor como mediador do processo aprendizagem e o aluno em uma construção do saber.

Com isso, a hipótese do trabalho de que a escola precisa se reorganizar para atender as demandas da pós modernidade e recuperar as lacunas deixadas na pandemia, se confirma, ao passo que a educação brasileira não é uma educação, mas um projeto neoliberal. Sendo possível a transformação na instrumentalização das massas. Sendo assim, o ponto de partida é no espaço de luta, a sala de aula. O professor em posição de mediador do processo de ensino-aprendizagem, o aluno autônomo de si e do conhecimento que construirá a partir da práxis e do saber sistematizado.

6 REFERÊNCIAS

ARRUDA, V. A. B. de; BARROS, M. S. F. Contribuições da teoria histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica na educação infantil: a socialização do saber sistematizado em questão. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 20, p. e020027, 2020. DOI: 10.20396/rho. v20i0.8655250. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8655250>. Acesso em: 2 out. 2022.

BARROS, V. DA S.; ALENCAR, F. R. Ensino Remoto Emergencial e Reforma Neoliberal da Educação Brasileira: Tecendo Relações. **EaD em Foco**, v. 11, n. 1, e1596, 2021. DOI: <https://doi.org/10.18264/eadf.v11i1.1596>. Disponível em: <https://eademfoco.cecierj.edu.br/index.php/Revista/article/view/1596>. Acesso em: 12 mai. 2023.

DE OLIVEIRA SANTOS, R. E. Pedagogia histórico-crítica: que pedagogia é essa? **Horizontes**, [S. l.], v. 36, n. 2, p. 45–56, 2018. DOI: 10.24933/horizontes.v36i2.520. Disponível em: <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/520>. Acesso em: 22 jul. 2023.

DOMINSCHEK, D. L.; DA SILVA, W.; DE SOUZA, D. M. R. Por uma educação crítica e transformadora: em defesa da pedagogia histórico-crítica e da emancipação da prática docente. **REVISTA INTERSABERES**, [S. l.], v. 11, n. 22, p. 109–124, 2016. DOI: 10.22169/revint.v11i22.1006. Disponível em: <https://www.revistasuninter.com/intersaberes/index.php/revista/article/view/1006>. Acesso em: 06 mar. 2023

TODOS PELA EDUCAÇÃO: 2º Relatório Anual de Acompanhamento do Educação Já. 2021. Disponível em: <https://todospelaeducacao.org.br/wordpress/wp->

content/uploads/2021/02/2o-Relatorio-Anual-de-Acompanhamento-do-Educacao-Ja_final.pdf. Acesso em: 13 dez. 2023.

FEITOSA, D. S.; SANTOS, G. F. dos; SILVA, S. R. P. da. Paulo Freire e a pedagogia libertadora: uma ameaça à perspectiva de educação neoliberal da (extrema) direita no Brasil. **Filosofia e Educação**, [S. l.], v. 14, n. 1, p. 201–221, 2022. DOI: 10.20396/rfe.v14i1.8668581. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8668581>. Acesso em: 05 mai. 2023.

FGV: **Retorno para escola, jornada e pandemia**. Disponível em: <https://cps.fgv.br/RetornoParaEscola>. Acesso em: 29 dez. 2023.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Cerca de 4 milhões abandonaram estudos na pandemia, diz pesquisa**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2021/01/cerca-de-4-milhoes-abandonaram-estudos-na-pandemia-diz-pesquisa.shtml>. Acesso em: 3 out. 2023.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 59 ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

IBGE. **Necessidade de trabalhar e desinteresse são principais motivos para abandono escolar**. Agência de Notícias do IBGE, 2012. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/28286-necessidade-de-trabalhar-e-desinteresse-sao-principais-motivos-para-abandono-escolar>. Acesso em: 03 dez. 2023.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101794_informativo.pdf. Acesso em: 06 nov. 2021. PAINEL CORONA VÍRUS. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 17 out. 2023

QUIROGA, A. P., OLIVEIRA, M. D. et al. O processo educativo segundo Paulo Freire e Enrique Pichon-Rivière.

RAMALHO, Ramon Rodrigues. Modelo analítico da pedagogia do oprimido: sistematização do método Paulo Freire. **Revista Brasileira de Educação**, v. 27, 2022. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782022270007>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/br7NczPCHrxYzQkfWCQryQH#>. Acesso em: 11 mai. 2023.

RIBEIRO CAMPOS, C.; PAVAN PERIN, A.; GONÇALVES PITA, A. P. Reflexiones sobre el impacto de la pandemia de covid-19 en la educación. **Prometeica - Revista de Filosofía y Ciencias**, [S. l.], n. 24, p. 143–156, 2022. DOI:

10.34024/prometeica.2022.24.13141. Disponível em:
<https://periodicos.unifesp.br/index.php/prometeica/article/view/13141>. Acesso em: 12 nov. 2022.

SAVIANI, D. A pedagogia histórico-crítica. **Revista Binacional Brasil-Argentina: Diálogo entre as ciências**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 11-36, 2020. Disponível em:
<https://periodicos2.uesb.br/index.php/rbba/article/view/1405>. Acesso em: 22 jul. 2023.

SAVIANI, D. Pedagogia histórico-crítica e pedagogia da libertação: aproximações e distanciamentos. **Germinal: marxismo e educação em debate**, [S. l.], v. 13, n. 3, p. 170–176, 2021. DOI: 10.9771/gmed.v13i3.47177. Disponível em:
<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/47177>. Acesso em: 28 nov. 2023.

SAVIANI, Demerval. **Escola e democracia**. Autores associados, 2018.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-crítica: Primeiras aproximações**. São Paulo. Cortez: Autores Associados, 2013.

SENRA, V. B. C.; SILVA, M. S. da. A educação frente à pandemia de COVID-19: atual conjuntura, limites e consequências / Education in front of the COVID-19 pandemic: current conjuncture, limits and consequences. **Brazilian Journal of Development**, [S. l.], v. 6, n. 12, p. 101771–101785, 2020. DOI: 10.34117/bjdv6n12-608. Disponível em:
<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/22114>. Acesso em: 4 dez. 2023.

SLVA, A. S. D; SANTOS, K. C. D. Educação libertadora contra a ignorância e a barbárie: notas do pensamento crítico de Paulo Freire. **ECCOS**, são paulo, v. 61, n. 1, p. 1-11, jun./2022. DOI: <https://doi.org/10.5585/eccos.n61.15794>. Disponível em:
<https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/15794>. Acesso em: 10 nov. 2022.